

BOICOTE AO DINHEIRO: a economia por um antecedente ético a partir de Emmanuel

Lévinas

Douglas Felipe Gonçalves¹

RESUMO

Este artigo é uma discussão teórica que, com bases na perspectiva da significação econômica tecida pelo filósofo lituano-francês Emmanuel Lévinas (1906-1995) na obra *Humanismo do outro homem*, altera com os sentidos econômicos capitalistas de natureza selvagem. Tem por objetivo demarcar o antagonismo entre a existência humana e a economia funesta, depreciativa e excludente. Por meio da ética como filosofia primeira, intenta-se demarcar, com base na filosofia levinasiana, a desaprovação do modelo econômico de financeirização e acumulação de capital globalmente vigente. Através da ética – enquanto modos de ser dos homens discutidos na filosofia – identifica uma possível marcação de um princípio balizador a guiar as referências e ações das novas perspectivas econômicas e metamorfosear os organismos econômicos existentes. O boicote ao dinheiro não é um ativismo cego apagador da moeda, é, em si, uma enunciação que espera alterar o protagonismo do valor frente a necessária soberania da experiência existencial das formas de vida. É a partir do princípio ético que julgamos deprender o sentido humano e mais que adquirir, transformar a economia que mata em economias pelo bem viver.

Palavras-chave: economia; ética; contemporaneidade; novas economias.

MONEY BOYCOTT: the economy through an ethical antecedent from Emmanuel

Lévinas

ABSTRACT

This article is a theoretical discussion that, based on the perspective of economic significance woven by the Lithuanian-French philosopher Emmanuel Lévinas (1906-1995) in the work *Humanism of the other man*, alters with the capitalist economic meanings of wild nature. It aims to demarcate the antagonism between human existence and the disastrous, derogatory and exclusionary economy. Through ethics as the first philosophy, the aim is to demarcate, based on Levinasian philosophy, the disapproval of the globally current economic model of financialization and capital accumulation. Through ethics – as men's ways of being discussed through philosophy – it identifies a possible marking of a guiding principle to guide the references and actions of new economic perspectives and metamorphose existing economic organisms. The boycott of money is not a blind activism that erases currency, it is, in itself, an enunciation that hopes to change the protagonism of value in the face of the necessary sovereignty of the existential experience of forms of life. It is from the ethical principle that we believe we understand human meaning and, more than acquiring, transform the economy that kills into economies for good living.

Keywords: economy; ethic; contemporaneity; new economies.

ECONOMIA PARA ALÉM DA MOEDA

Comumente, a economia é fixada numa espécie de mito unívoco, que seria a delimitação e o estreitamento do conceito econômico a algo relativo simplesmente a dinheiro. Nos mais

¹ Pós-graduando em Direito Internacional e Direitos Humanos na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com foco em direito à educação e acesso à educação ambiental, ética e sustentabilidade. Graduando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Coração Eucarístico. Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

variados espaços e agrupamentos sociais mais plurais possíveis, a discussão sobre economia perpassa por permanências históricas que ponderam a economia apenas por considerações monetárias, com terminologias pouco assimiláveis para quem não é estudioso da área, limitando assim a amplitude que está inerente à economia e, sobretudo, as múltiplas possibilidades de transformações que precisam ser demandadas para uma sociedade em paz, guiada pelo desejo do bem.

Karl Marx, na obra *O capital*, teceu uma contundente crítica à lógica econômica política. Conforme tradução, chegou a escrever que, numa espécie de entesouramento, há a petrificação do dinheiro em valor (1996). Além de uma falácia, a univocidade da economia apregoada contemporaneamente é um mito gestado nas históricas transformações das formas de relações econômicas que tentou contra as formas plurais de relação mercantil, atualmente atualizada na versão capitalista em forma neoliberal que demarca a moeda como fator econômico hegemônico. “Só a necessidade abordada ao nível da humanidade subdesenvolvida pode deixar esta falsa impressão de univocidade” (Lévinas, 1993, p. 37).

Para Eduardo Moreira (2020, p. 26), “o sistema capitalista [...] baseia-se na afirmação, quase dogmática, de que só o livre mercado é capaz de gerar riqueza, distribuí-las de forma justa e maximizar a utilidade das pessoas”. E é partindo dessa ideia capitalista pró riqueza que se chega à realidade obscura do dinheiro. Quando se lê que “o signo do dinheiro só necessita de sua validade social objetiva própria e esta é recebida pelo símbolo de papel mediante o curso forçado” (Marx, 1996, p. 250) identifica-se que o dinheiro é limitadamente uma expressão social, está imiscuído a um contexto civilizacional, justificado por mecanismos de poder que o validam e o tornam signo exacerbado de importância diante da subjetividade humana que transpassa os limites institucionalizados.

Economia – dos gregos – era administração da casa (Pereira, 1998); atualmente, é considerada – transformada de seu significado original –, conforme definição apregoada pela faculdade de economia e administração da Universidade de São Paulo, “conjunto de atividades desenvolvidas pelos homens visando a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços necessários à sobrevivência e à qualidade de vida” (FEA USP, s/n), ou seja, um modelo de poder e submissão, poder corpulento de indivíduos e submissão de todo um povaréu à venda de sua mão de obra.

Por isso boicote ao dinheiro (Santos, 2023)². Mais à frente trabalharemos tal boicote, porém, de antemão, a boicotagem está como alusão renovadora, modificação do vulto

² Tomado de SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo, UBU, 2023.

econômico, da hierarquização precedida pela moeda numa escala em que o indivíduo humano (e os seres vivos não humanos) estão à margem, no escanteio do campo financeiro dominado por variadas formas (tantas vezes imperialistas) de mercado (*big techs*, petroleiras etc.) – “os mercados, hoje, são um fator central da desgovernança política e econômica das nações” (Brasileiro, 2023, p. 28).

A benéfica incursão da ética na economia se apoia na leitura que Jonathan Crary fez da vida humana em suas inerentes realidades biológicas, a importância do viver que foi surrupiado pela vida econômica mortífera. Crary (2016, p. 20) ponderou que “dada a dimensão do que está economicamente em jogo, não surpreende que se encontra em curso uma corrosão generalizada do sono”. O dinheiro se faz quase que inarredável até mesmo das demandas mais essenciais da vida.

ECONOMIA, OIKONOMIA E ÉTICA A PARTIR DA FILOSOFIA

Antes de avançar nesta discussão que modifica o ponto de partida para os sistemas econômicos, reconhecendo a necessidade de uma economia para além das moedas, cabe demarcar uma antelação teórica que é o filósofo Emmanuel Lévinas. A anteposição demarca, ante qualquer predileção exclusivista, uma orientação pela filosofia do lituano-francês do século XX, que na sua filosofia está a transverter a congruência ontológica tão comum a outros filósofos, – como Heidegger – e realoca a filosofia primeira como sendo a ética. É partindo da ética como filosofia primeira de Lévinas – que é a responsabilidade pelo outro (indivíduo) –, a partir do capítulo *A significação “econômica”* na obra *Humanismo do outro homem*, que aqui se argumenta.

No globalismo capitalista, há determinado nos sistemas econômicos um primado da ideia de satisfação, e, cada vez mais, esses mesmos sistemas econômicos embutem nas mentalidades uma lógica de autossatisfação. Moreira (2020, p. 44) escreve que “o que é maximizado no sistema capitalista é o desejo! Não há necessidade!”. Há demasiada importância do eu indiferente pelo outro. Não é por menos que a marca da contemporaneidade seja a *selfie*, individualismo aprisionado pela satisfação material propagando *status*. O filósofo que guia este artigo, Emmanuel Lévinas, demarcou em 1972, na obra *Humanisme de l'autre homme*, a falibilidade do humanismo contemporâneo perante a realidade econômica sistêmica universal.

O humanismo tanto apregoado oriundo das reflexões das humanidades é contradito nas atitudes dos sistemas econômicos mundiais que, para o filósofo, é uma economia de racionalismo materialista. Lévinas não deixa olvido o problema do humanismo: o homem; o

problema econômico que o filósofo lê de seu tempo é o problema de um humanismo desumano. Para Lévinas a economia tornou-se renegada a um sentido pragmático, científico e técnico que desconsidera a diversidade cultural, ou seja, a expressão particular de cada povo, regionalidade etc.

Ao ler a questão econômica pela consideração de um malogro humanista com base na filosofia que Emmanuel Lévinas desenvolve na obra lida, ainda que com parcimônia, o lituano-francês compõe uma crítica à questão econômica pelo viés da significação. A significação “em função das necessidades do homem” (Lévinas, 1993, p. 36) desconsidera as pluralidades de significações oriundas das culturas dos povos. O filósofo está a dizer que há um princípio universal – significação fixa – que determina mais que o chão da realidade de cada povo, ou seja, um imperialismo universal a oprimir o particular. Lévinas é esse autor da responsabilidade pelo outro:

O encontro com o outro é por si só ético, responsável, um enigma e um ato des-interessado. É por si próprio uma responsabilidade total pelo outro, sem esperar reciprocidade, já que se trata de uma relação vertical, de não autonomia e de não horizontalidade, caso contrário, voltaríamos ao modelo de objetificação do outro, de egolatria ou egonomia, da qual Lévinas quer se afastar (Lévinas, 2005, p. 198).

A pluralidade cultural que se lê em Lévinas é a pluralidade possível e singularizada pelas especificidades de cada língua dos termos metafóricos, que o filósofo emprega a referir da língua nesse gabarito não universal, determinado e único. O lituano-francês pondera que a metáfora, contemporaneamente, é substituída pelo termo algorítmico, científico; sua exemplificação é que a economia teve sua originalidade surrupiada pela noção de desenvolvimento dado a acúmulo e lucratividade.

“As necessidades elevam as coisas [...] ao nível de valores” (Lévinas, 1993, p. 36). O que é dado, enquanto material, ou seja, aquilo que se produz e disponibiliza, comercializa, está longe de ser natural, intrínseco ao que existe desde a expansão pela energética explosão do Big Bang. É certo que toda produção dos indivíduos humanos tem potencial benéfico à sua própria existência, todavia, a noção de desenvolvimento precisa ser ultrapassada por uma lógica de envolvimento biocêntrico, em que a relação humano x ambiente não seja por hierarquia, mas por horizontalidade e equilíbrio.

Lévinas trata a economia pela noção de necessidade. Economia para o filósofo está vinculada à atitude humana que confere como necessidade aquilo do seu desejo. Necessidade adquire um sentido meramente material, e sua significação é elevada a valor, reduzindo valor a uma crença muito mais próxima do quisto do que um ideal de vida. Essas mesmas necessidades desconsideram o pluralismo que é o contexto da vida humana. Lévinas descreve essas

necessidades transvestidas de valores como retas e impacientes.

“(…) Necessidade humana alguma existe, na realidade, no estado unívoco da necessidade animal. **Toda necessidade humana é, desde logo, interpretada culturalmente.** Só a necessidade abordada ao nível da humanidade subdesenvolvida pode deixar esta falsa impressão de univocidade.” (Lévinas, 1993, p. 37, grifo nosso).

A vida é esgotada por uma economia de valor. A moeda adoce a existência. O capital destrói a convivência. A indiferença se torna quase que uma crença. Nos dizeres do filósofo, “o homem [...] confere um sentido único ao ser, não ao celebrá-lo, mas ao trabalhá-lo” (Lévinas, 1993, p. 36). O sistema torna homogêneo cada indivíduo. O sentido mais essencial do ser é cooptado pelo produzir e enriquecer.

A economia contemporânea esgota as pluralidades de expressões, e a isso o filósofo deposita a responsabilidade na ciência tornada hegemônica, cuja fala foi feita central, acabando por operar contra as figurações possíveis de cada cultura – metáforas. O termo metafórico (as pluralidades) é substituído pelo termo algorítmico, científico. Lévinas chega a escrever criticamente que a sociedade, a partir da temporalidade que compreendeu a Revolução Francesa, muda seu percurso base de orientação, se dá a guiar e intentar pelo que concebe de necessidade, que é uma ramificação de uma força maior, a economia.

(...) reconduzir a sociedade a suas estruturas econômicas. Em toda parte, seria mister reencontrar o sentido, sob a significação, sob a metáfora, sob a sublimação e sob a literatura. Haveria, portanto, significações “sérias”, reais, distintas em termos científicos, orientadas pelas necessidades e, de maneira geral, pela economia (Lévinas, 1993, p. 36)

A orientação comum do sentido seria a economia, pervertendo a amplitude abrangente da significação. “A economia, só ela seria verdadeiramente orientada e significante. Somente ela teria o segredo de um sentido próprio anterior ao sentido figurado” (Lévinas, 1993, p. 36). O sentido aurido na modernidade maisquere exatidões inflexíveis do que a polissêmica humanidade criativa. A lógica e os termos seriam espaçados da arte e das expressões.

A contemporaneidade humanista se estabelece sobre o primado do sentido e não da significação. “A significação cultural, desligada deste sentido econômico – técnico e científico –, não teria senão o valor de um sintoma, o apreço de um ornamento conforme às necessidades do jogo, significação abusiva e enganosa, exterior à verdade (Lévinas, 1993, p. 36-37). As humanidades da contemporaneidade possibilitaram as estruturas econômicas transfazer a noção de cultura, fixando que sem o econômico essa cultura ficaria como “sintoma”, “ornamento” à necessidade do que o filósofo chamou de jogo (Lévinas, 1993, p. 37).

A economia é dada a unidade de sentido mesmo perante a multiplicidade de significações culturais, isso quer dizer que a significação econômica que Lévinas critica é por

sua inflexão, determinismos etc. Reduz o real a um objeto.

O Real é um x irrepresentável, um vazio traumático que só pode ser vislumbrado nas fraturas e inconsistências no campo da realidade aparente. Portanto, uma estratégia contra o realismo capitalista envolve invocar o Real subjacente à realidade que o capitalismo nos apresenta (Fisher, 2020, p. 35).

É aquela tida necessidade objetificando o mundo real por meio dos mecanismos econômicos cujo significado na contemporaneidade foram larapiados pelas progressões de fases do capitalismo. “[...] Não é seguro que a significação científica e técnica do mundo possa "dissolver" a multiplicidade das significações culturais” (Lévinas, 1993, p. 37).

É sobre o ser que decai o amargo e olor da moeda. Lévinas escreve que, contemporaneamente, faz-se a “interpretação do ser como se fosse destinado ao Laboratório e à Usina³” (1993, p. 37), afinal de contas as mudanças que a leitura fenomenológica do filósofo lê são as de uma sociedade cujo avanços científicos e troca global de riquezas vão ao oposto sucesso humanista teorizado e esperado, propiciaram guerras e ataques à dignidade humana. Daí a consideração do malogro humanista.

A concepção materialista de indivíduos numa solidão que não se faz responsável pelo rosto do outro, na falta de percepção pela falha da significação é explicada por Lévinas: “visão científica e técnica que bem mais se impõe às necessidades, as modifica, as nivela, e as cria do que é suscitada pela retidão e univocidade originais das mesmas” (Lévinas, 1993, p. 37). A vida em sua natureza foi modificada não por um aperfeiçoamento qualitativo, mas por seu oposto.

A referência de vida natural não é como um saudosismo ou romantismo dos tempos longes do capitalismo, todavia, é uma memória de que esse estado bem mais preferia uma originalidade de sentido da vida – que não quer dizer melhores condições de existência; a crítica está na falácia de melhores condições de vida na forma capitalista, pois “[...] necessidade humana alguma existe, na realidade, no estado unívoco da necessidade animal. ‘Toda necessidade humana é, desde logo, interpretada culturalmente’” (Lévinas, 1993, p. 37).

CULTURA E TEMPO ECONÔMICO ALTERNATIVO RENOVADO PELA IMPORTÂNCIA DE UMA FACE

Ao ler Emmanuel Lévinas em suas críticas econômicas, pela leitura negativa do humanismo, o gabarito econômico fica apenas criticado, todavia, o filósofo é o autor que propõe a desmedida e ilimitada responsabilidade pelo outro, pela face do outro. A referência face é

³ Wirklichkeit (termo em alemão) empregado por Bergson que Lévinas recorda.

referência a um outro, uma outra, além de mim, não igual a mim, que é importante e tem direito de ser tutelado por mim. Essa é a ética levinasiana. Nessa responsabilidade humana pelos humanos, não se é mínimo nem distantes responsabilidades secundárias que atravessam a esfera das subjetividades do viver por meio das relações sociais.

A economia é uma dessas relações. Relação que precisa de princípios (para além de qualquer precedente religiosos, partidário, ideológico etc.) totalmente éticos, abertos e culturalmente condizentes. A lógica econômica deve corresponder a máxima importância das faces humanas. É essa leitura da ética da responsabilidade que evoca economias plurais, justas e para o bem viver de todo e qualquer indivíduo humano. A dissociabilidade da economia do plano existencial estabelece o prisma de que a vida é liberta de qualquer quantificação de valor ao passo que, na demanda por bens e serviços, quaisquer valores são organizados tendo em vista o ponto inicial: a existência livre, gratuita e inalienável.

Para Eduardo Brasileiro (2023, p. 25):

a proposta de libertar a economia é um paradigma desta etapa histórica. Superar o paradigma tecnológico e burocrático construído pelo capital neoliberal e infiltrado nas relações sociais, políticas, culturais, religiosas, e que se remodela através dos sinais dos tempos, num constante aperfeiçoamento de suas estruturas de exploração

O capitalismo acontecendo em brutal selvageria precisa ser superado, ocupado por modalidades econômicas que consideram as singularidades existenciais e demarcam limites éticos no cotidiano das maneiras econômicas: trabalho, comércio, propriedade etc. E a superação do selvagem que é o sistema – que não se pode esquecer, regido por pessoas – capitalista – e suas ramificações/adaptações – se dá quando os indivíduos humanos antecedem os passos das relações econômicas para as trilhas das relações sociais, da convivência pacífica e do absoluto respeito. Seria todos numa responsabilidade mais arcaica que não depende nem do sujeito nem contexto, é responsabilidade ética absolutamente inerente, livre e gratuita.

O que em Aristóteles seria o telos – bem que as coisas tendem –, em Lévinas é o bem na concretude da existência, na socialidade. Lévinas saiu da ordem de busca da arché. Essas modificações que aconteceram ao longo da filosofia podem ser atravessamentos teóricos para exercícios práticos nas lógicas econômicas mais recentes. Isso seria “uma formação para uma economia que faz viver e não mata” que Pereira (2023, p. 83) escreve. “Aliás, teria economia outro sentido para além de fazer viver?” (Pereira, 2023, p. 83).

Responsabilidade pelo outro. Ética da alteridade. E economia do bem, da paz, fraterna. Ou seja, um itinerário humano (em essência) que parte da singularidade da existência de cada ser que se apropria de meios e formas para uma existência ocupada de coisas, essas, secundárias.

Economia para os indivíduos e não indivíduos para a economia. Isso atíça uma total renovação econômica. Brasileiro explica, inclusive, que essa renovação precisa de uma visão ampliada e crítica. “A economia precisa ser compreendida em sua totalidade, através de uma ruptura com o pacto de dominação interna que predomina na visão economicista, e, portanto, é pela luta política no território concreto [...] [o] realmar a economia” (Brasileiro, 2023, p. 45).

BOICOTE AO DINHEIRO E REALCE DAS FORMAS DE VIDA

É no primado inexorável da ética da alteridade que perspectivas econômicas alternativas podem se justificar como economia do bem viver. Emmanuel Lévinas abarcou no econômico o técnico e científico, problematizando como esses dois apoderaram-se da vida humana. Lévinas não é utópico nem desmedido da realidade, pelo contrário, sua vida no século das duas grandes guerras mostrou-lhe o fracasso da vivência humanista, da economia sem afetos, sem vida. A economia na contemporaneidade é a selvageria transmutada pela estratégia de enunciar desejos e mecanizar empregos.

O tempo contemporâneo é erigido por variadas linguagens que, ainda que racionais, são apoiadas em absurdidades. Tudo isso em favor do benefício econômico, muitas das vezes, individualizado. Quando a linguagem do poder e do capital demonstra sua imagem rendosa e alicia as mentes por desejos e expectativas exclusivamente materiais em detrimento de subjetividades (emoções) e determinações físico-biológicas (o sono, como já falado), pelo favorecimento pessoal por supostos benefícios (seja monetário, como investimentos, e/ou de posses, como carros, aparelhos celulares de marca famosa etc.) os indivíduos se distanciam do arquétipo originário da ética como responsabilidade (consigo e com outros) e favorecem (na individualidade) a continuidade de uma economia monetária de tantas desigualdades e incoerências.

A humanidade está pronta para acreditar em quase tudo, e transformar suas crenças em dogmas, se sentir que tem companheiros ao seu lado. A bestialidade coletiva surge com tanta força e muitas vezes encontra cientistas de prontidão para apoiá-la com argumentos. Esses argumentos são racionais, mas construídos sobre pressupostos absurdos, como a invenção do *homo economicus*, o indivíduo racional que maximiza o lucro. Dar asas às tensões internas e poder cobri-las com argumentos gera uma impressionante sensação de libertação. (Dowbor, 2023).

O dinheiro é enodado das contradições do capital. “Enquanto Davos afirma que estamos na era da Indústria 4.0, na verdade, estamos na era do rentismo financeiro improdutivo, mas também de outras formas de apropriação improdutivo da riqueza social, inclusive dos bens comuns” (Dowbor, 2023). As incoerências que não combatem as pobreza e misérias, que

financiam tóxicos e armas, apoiam violências e guerras, dizem de uma moeda que alcança desfavores à vida, dilapidam a essência do humano e desapropriam a vida dos espaços no planeta terra.

Temos problemas globais, mas governos em nível nacional, finanças especulativas em vez de investimento produtivo, busca de renda em vez de lucros em insumos socialmente úteis, comunicação baseada em comportamento em vez de informações honestas, e narrativas em vez de transparência. Mas, acima de tudo, temos sistemas de governança empacados no passado analógico, perdidos no turbilhão da nova revolução digital e no novo conjunto de desafios. Os conflitos estão aumentando em todos os lugares, mas as soluções não estão apenas no nível nacional. Este é um novo sistema, gerado pela revolução digital, e devemos nos concentrar nas questões de governança que a ele correspondem (Dowbor, 2023).

Para Levinas, o que é ético antecede o contexto e o ilumina. Não há relativismo na filosofia do autor, há uma significação ética (pré-histórica), cuja lógica pode se chamar proximidade e não é relativismo. Ou seja, a ética como algo primeiro pode não permitir que as economias admitam e permanecem no ciclo em que desigualdades e incoerências são realidades de boas parcelas de seres ao redor do planeta.

A filosofia de Lévinas não é da síntese. A cultura humana não se repete e a evolução não é linear. Ao auferir isso do filósofo toma-se consciência de que a ética tanto se especifica como possibilidade de agires humanos adequados e bons tanto aos seres como a vida cósmica e é também denúncia das contradições da sociedade humanista contemporânea. O *ethos* se faz aberto e plural para admoestar àquilo que a práxis humana aceita e faz que não é do/pelo bem. Enrique Leff (2011, p. 320, grifo nosso) escreve que:

O processo de globalização econômica organiza rituais para venerar o deus-mercado, para pedir-lhe maiores colheitas de crescimento sustentável, sem considerar que é esse crescimento econômico, regido pelas leis do mercado e por uma racionalidade do lucro de curto prazo (leis humanas sujeitas ao poder entre humanos), que produz os ritmos crescentes de extração e transformação de recursos naturais, de matéria e energia sujeita às leis da entropia. É isso que se manifesta no aquecimento global do planeta, ocasionando os ritmos atípicos e extremos de altas e baixas temperaturas, os furacões e ciclones, os incêndios florestais dos últimos anos que tornaram inoperantes as práticas tradicionais de uso do solo e do fogo (que estão convertendo a desgraça humana e o desastre ambiental em oportunidades de negócio para a recuperação ecológica, tão demandada nos programas globais de desenvolvimento “limpo”).

Ao coadunar dinheiro e vida biocêntrica tem-se a saber que “o capitalismo está na verdade destinado a destruir as condições ecológicas das quais dependem o ser humano” (Fisher, 2020, p. 36). Isso quer dizer que a ética humana que responsabiliza o humano de cuidar de todos os outros, também humanos, não se cega ou falseia desconsiderando a vida natural. “A crise ambiental e a crise do saber surgem como a acumulação de “externalidades” do desenvolvimento do conhecimento e do crescimento econômico” (Leff, 2011, p. 309).

Não adianta ética humana e descuido ambiental. Ou o valor econômico ou o “valor” das vidas. Não há como equiparar vida e valores. Inerentemente, o valor do capital é maléfico à vida. O capitalismo é a máxima expressão de conflito com as formas de existência, pois nele não reside o que tanto aqui se ponderou: ética. O malogro humanista que se lê de Lévinas é essa lógica humana (sem sentido humano) que pela técnica e ciência acontece em modelos econômicos cuja singularidade das formas de vida não ocupam protagonismo máximo e primeiro, raro quando atenuado, o capitalismo verde permanece na esteira de progresso e desenvolvimento, expressão de contradições lógicas conforme a limitada vida do planeta e seus habitantes finitos.

Isso significa que os conflitos ambientais não serão resolvidos pelo poder científico da economia ou da ecologia, senão através de sentidos existenciais, de valores culturais e de estilos de desenvolvimento diferenciados, nos quais a exploração, a conservação ou o uso sustentável dos recursos dependem dos significados sociais atribuídos à natureza. (Leff, 2011, p. 309).

CONCLUSÃO

A chave da retificação econômica está no homem. Os sentidos existenciais encoberto pelo capitalismo precisam de análise e ela só pode ser acertada se o sentido humano estiver adequado a sua essência. Aqui se faz patente uma leitura crítica do capitalismo global mais geral, àquele assimilável das estruturas dominantes do globo como mineradoras, petrolíferas e *big techs* que sabidamente interferem direta ou indiretamente a vida socioeconômica da grande maioria dos indivíduos ao longo do globo.

A filosofia tem muito a contribuir. O afastamento contemporâneo das humanidades e dos clássicos, da metafísica e da própria filosofia deixou claro que a humanidade avança cada vez mais para a irreflexão e a desumanização das ações e relações, mais que problemático as máquinas se parecerem com os homens seria os homens se tornarem parecidos com as máquinas (que ele próprio vem criando). A economia está esfacelada assim como grande parte da população mundial.

Recordando o Papa Francisco no Encontro da Economia de Francisco em 2020, – que pude participar em Assis, Itália – é fundamental e urgente a admissão dum princípio ético universal, que partindo dele, se cada um for pedagogo, se educando para o bem, fará da vida e experiência humana um viver equitativo, em coexistência com tudo o que existe, numa força e dinamicidade única de cada cultura, povo. A ética universal é a proposta da correção dos malefícios da globalização. E a ética levinasiana seria a ética sendo pressuposta da alteridade, como máxima do agir de cada indivíduo.

A proposta levinasiana que se aplica a cada indivíduo e cada indivíduo pode aplicar nas formas econômicas é o destituir a estranheza, indiferença e o individualismo atuante no mundo que reduz à simbolismo/representação o rosto, combatendo a renúncia da alteridade que o capitalismo enquanto sistema aplica e, em novas alternativas econômicas, novas economias, solidária, cooperativa, comunitária, seguir boicotando o que não valoriza o bem e as vidas. É uma leitura crítica da estrutura econômica hegemônica em vistas de compungir os seres como também, essa mais marcante, alargar os espaços da reflexão a fim de tornar oportuno aberturas a formas econômicas alternativas a partir da ética.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Eduardo (org.). **Realmar a economia**: a economia de Francisco e Clara. Paulus, 2023.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: UBU, 2016

DOWBOR, Ladislau. As entranhas do capitalismo. *In*: DOWBOR, Ladislau. **dowbor.org**. 2023. Disponível em: <https://dowbor.org/2023/04/as-entranhas-do-capitalismo.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

DOWBOR, Ladislau. Os economistas que desafiam os velhos dogmas. *In*: DOWBOR, Ladislau. **dowbor.org**. 2023. Disponível em: <https://dowbor.org/2023/08/os-economistas-que-desafiam-os-velhos-dogmas.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ATUÁRIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **O que é Economia?**. Disponível em: <https://www.fea.usp.br/economia/graduacao/o-que-e-economia>. Acesso em: 07 out. 2023.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?. Autonomia Literária, 2020.

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de professor**, v. 14, n. 2, p. 309-335, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/1512652/Downloads/ojs,+3515-10013-1-CE.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. 2. ed. Vozes, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 2. ed. Vozes, 1993.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tomo I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MOREIRA, Eduardo. **Economia do desejo**: a farsa da tese neoliberal. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego** – Grego-Português e Português-Grego – Grego. 8. ed. Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU, 2023.